

MÁRCIO CATUNDA

Revérberos

MÁRCIO CATUNDA

Revérberos



Há poetas que refletem o mundo tal como o vemos; outros, porém, o reinventam, devolvendo-lhe o mistério que a rotina nos rouba. Márcio Catunda pertence a esta segunda linhagem. Em *Revérberas*, sua poesia é convite para a travessia entre silêncio e palavra, contemplação e canto, pensamento e respiração.

Com a maturidade de quem já percorreu várias geografias e diversas culturas, Catunda transforma em versos sua experiência de cidadão do mundo, sem perder o vínculo essencial com a memória afetiva da terra natal. Assim, Genebra, Paris, Madrid, Rio ou Fortaleza tornam-se, em seus poemas, símbolos de uma mesma busca: a comunhão entre o homem, a natureza e o sagrado.

Poeta, contista, ensaísta, compositor, diplomata, autor premiado pela União Brasileira de Escritores e detentor de muitas outras premiações, com mais de cinquenta livros publicados e com diversos poemas musicados, Márcio Catunda tem sua obra traduzida para diversas línguas e reconhecida internacionalmente. Em cada país por onde passou e por onde passa, vai deixando relevantes marcas da sua atividade cultural.

Em *Revérberas*, o autor mostra a sua generosidade com a palavra e com quem a compartilha, abrindo muitas páginas para abrigar Rosani Abou Adal, Celso de Alencar, Soares Feitosa, Jorge Ventura, Costa

Revérberos

FOTO DE CAPA
Márcio Catunda

ARTE-FINAL DE CAPA
Daniela Jacinto

REVISÃO
Fernando Cavalcanti

IMAGENS DO MIOLO
Acervo pessoal do autor

DIAGRAMAÇÃO
Cristiane Rezende da Silva

MÁRCIO CATUNDA

Revérberos

rw|)SCORTECCI
I?I!!JEDITORIA

Copyright© Márcio Catunda Ferreira Gomes

11366/1 - 300 - 112 - 2025

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s)

Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Catunda, Márcio

Revérberos / Márcio Catunda. -- São Paulo :
Scortecci Editora, 2025.

ISBN 978-85-366-7241-0

1. Poesia brasileira I. Título.

25-311664.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

GRUPO
EDITORIAL
SCORTECCI
(11) 93316-7940

Rua Deputado Lacerda Franco, 98
São Paulo - SP - CEP 05418-000
www.scorcecci.com.br
Livraria Scortecci
Telefone: (11) 95520-3535
www.livrariascortecci.com.br



*Aonde irá, depois de tantos mares,
esse veleiro que ninguém espera?*

Gáder de Carvalho)

Prefácio

REVÉRBEROS, de Márcio Catunda (Ligeiras impressões)

Literatura, pra quê? O poeta se pergunta a certa altura de seu livro para, em seguida, informar que *(serve para educar o homem... humanizá-lo e espin"tualizá-lo...)* e eu, *(minha imaginação é uma ponte transt"tada por muitos veículos)*, no embalo de *A Fonte de Hipocrene*, concordo e *(contemplo o horizonte e sinto o vento que brinca na alameda)* da suave poesia de Márcio Catunda, tecendo paisagens e cidades, reminiscências e reflexões. Louvo os seus 12 delicadíssimos haicais *(Não sei aonde ir./ Todos os lugares são/ distantes de mim)* e versos diversos a amigos diversos.

Elegíaco em certa medida, mas refinado pelo que encerra em humanismo expresso pela evocação de *figu*ras míticas da cultura greco-latina, *Revérberos* é um veio lírico vibrante, capaz de transitar por diferentes formas a depender do objeto circunstancial: o cântico em celebração a amigos, a uma situação, a um momento ou a uma cidade, mas sempre com estilo suave e prosódia comovente.

De fato, cativante na impressão pictórica subjacente a cada verso, ao *(buscar os verdadeiros nomes das coisas na rarefeita claridade das manhãs)*, esta coletânea de poemas *(não é só o tempo que acontece em mim./ Sou também esse vento, que ontem foi gelado e melancólico,/ e hoje é pura, luminosa, íntima fruição)*. E assim, como o próprio título enfatiza, *(minha alma é um rio, no cinema do meu pensamento)*, concentra luz e expande a essência contemplativa do olhar do poeta *(essa mania de caminhar, fitando o hon-zonte,/ é uma sede de saber que me resseca a garganta,/ é um sortilégio, um enigma,/ sinuosidade de ruas misteriosas)*.

Não obstante, *Revérberos* condensa ainda reflexos luminosos de um fazer poético ora plástico, ora musical, o qual estabelece uma estética filosófica que integra o ser e a eternidade *(Além daquz o Além. Além do Além, o não-lugar.)*; a

condição humana (*Não sei o que é a vida, mas sei que a vida é/ E isso me basta para celebrar o dia*); o tempo que passa (*A vida, depois dos 68, é uma ameaça permanente*); a natureza (*Celebro o oxigénio que alegra as plantas e o horizonte/ que circunscreve a Terra, chão imprescindível*) e a espiritualidade (*remédio pra saúde da alma,/ Tu és o Eu que me faz pensar que sou minha criação*), a par do afeto aos amigos queridos, que louva e exalta (*Rosani não aceita a condição dos párias/ que vê nas ruas e praças da megálcipole:/ crianças famintas, sem abrigo, sem escola, sem luz*), e das cidades que venera (*a carcaça depenada do Saleve, / rostendo da Rue des Alpes, / atribuindo à cidade um ar decadente*).

Em suma, absorvente, a poesia de Márcio Catunda, este artista da palavra e humanista, nos avassala e seus versos nos cativam e nos deixam em estado de contemplação, aquele instante em que se ouve a quietude, o tempo para e a realidade - estática por instantes na matéria - avulta noutra dimensão, dissipa-se impalpável e (*o silêncio deiga aonde a palavra não vai*)

Ernâni Fraga, escritor.

Sumário

Predestinação	13
O pensamento e o silêncio	14
Missão	15
No dia do poeta	16
Dois momentos	17
Hora íntegra	18
Ária campestre	19
Profissão de fé	20
Léman	21
Retiro	22
Primavera em Paris	23
Perspectivas	24
Translúcido instante	25
Hora translúcida	26
A máquina do tempo	27
Parque <i>Per/e Du Lac</i> , em Genebra	28
Genebra, 30 anos depois	29
Remanso	30
Lúcidas itinerâncias	31
Os passeios luminosos da vagabundagem lírica	32
A caminho do oásis da <i>Île RiJusseau</i>	39
Celebrações	40
O rio da minha aldeia	41
O Quinto Império	42
Campo verde	43

Genthod	44
Versoix	45
Tarde primavera	46
Á_g_u a lustral	47
Verão	48
12 haicais para o mestre Matsuo Bashô	49
Yoga.....	51
Religião.....	52
Hermeticamente	53
Instruções para uma meditação	54
O verbo e a poesia	55
Decálogo para um jovem poeta	56
O poema e a poesia.....	57
Literatura, pra quê?	58
Ainda estamos aqui	59
A fonte de Hipocrene.....	61
Pura emoção	62
Casa de Fernando Pessoa	63
Jardim da Estrela	64
O Parque dos Poetas em Oeiras	65
Viajar, viajar.....	66
Novidades	68
Natal	69
O cipreste	70
Semelhança	71
Um pássaro chamado Zico	72
Perfil fictício de Ricardo Guilherme	73
Anderson Braga Horta e seu aprendiz.....	74

A diplomacia de Costa Senna	75
Discurso apologético para a admissão de	
Diogo Fontenelle na academia dos homens bons	76
Um príncipe chamado Abdon Melo	77
O Protesto justo e generoso de Rosani Abou Adal... ..	79
Peroração eletiva para Jorge Ventura,	
líder dos poetas itinerantes	81
Soares Feitosa já não cria bodes	82
Oferenda intertextual para os pássaros	
que dormem no telhado de Celso de Alencar	84
À maneira de Antonio Brasileiro	86
Presente de aniversário para Aluísio Gurgel.. ..	87
A terrível ausência de Marcus Vinicius Quiroga	88
Epitáfio para Natalício Barroso	89
Meditação	90
Atualização de agenda	91
A despedida de Tavinho Paes	92
A partida de Gilberto Mendonça Teles	93
En Soria con Antonio Machado	94
El santo enamorado	95
Bendición de la noche	97

Predestinação

Nasci para inebriar-me de aromas.
Minha indolência inquieta lança-me,
andarilho,
à procura de um bálsamo,
que remedie esse desassossego,
que é puro encantamento abstrato.
Essa mania de caminhar,
fitando o horizonte,
é uma sede de saber
que me resseca a garganta,
é um sortilégio, um enigma,
sinuosidade de ruas misteriosas.
Outra dimensão, além dos barcos,
no horizonte nebuloso.
Nostalgia de uma Grécia
que não está no espaço nem no tempo.
Poeta hereditário,
deambulo pelos jardins,
carregando o DNA da neurose ancestral.
Oscilo, da tediosa ataraxia
ao exercício disciplinar da vertigem.
A Poesia acicata as peregrinações
deste solitário,
nas tardes de energizar os neurônios,
a pretexto da languidez estival.
Essa estranha obsessão de plenitude
que me impulsiona
ao paroxismo do entusiasmo!

O pensamento e o silêncio

*No silêncio profundo,
pensar
provoca ruídos.*
(Roberto Evangelista)

Penso, em prazeroso silêncio,
ou em luta com as turbinas do querer.
Os pensamentos dançam valsas
no salão da memória.
Pensamentos soltos.
Imagens livres.
Cérebro democrático.
Pensar é minha prerrogativa.
Se não penso, outros o farão por mim.
O pensamento traz o ontem pra perto do hoje!
Serenai, vozes que me habitam!
O silêncio ilumina o pensamento.
Só haverá paz quando houver silêncio.
Acaso pensam que os meus ouvidos
são depósitos de lixo?
O silêncio é mais precioso do que as palavras.
O silêncio chega aonde a palavra não vai.
Tudo já foi dito.
Apenas o silêncio é inaudito.
Silêncio irmão do mistério.
Silêncio paz presente.
Silêncio recordação.
O silêncio é.
Está anoitecendo,
e eu preciso ser digno do silêncio.

Missão

Buscar os verdadeiros nomes das coisas,
na rarefeita claridade das manhãs.
Aquecer a alma nos frios dias de tédio.
Ir na direção do ígneo foco cintilante,
que vaza
entre as nuvens cinzentas
e me chama,
através dos verdes ramos.

No dia do poeta

A indizível eclosão que traz à terra
o calor – água transparente
em folhas verdes.
Esses barulhos em mim,
as visões que me despertam
e a expectativa, dum dia ao outro.
O piloto da espaçonave
do meu pensamento,
parceiro invisível, me diz
da ausência do que está presente
e da presença do que está ausente.
Faz com que de mim
se desdobre o esplendor da paisagem:
os agudos mastros dos barcos
como lírios iluminados
no jardim das águas.
O murmúrio lacustre,
que é a voz que vem do mar.
O remanso espiritual da tarde,
no cimo das gradações montanhosas.
O radiante e glorioso rosto do Sol,
imagem propiciadora das minhas percepções.

(Genebra, 20 de outubro de 2024)

Dois momentos

A luz é tão estonteante
quanto a obscuridade.
O dia é de chuva e recolhimento.
A febre do dia é noturna.
Quem sabe aonde vou
com tanto apuro,
sob um céu glacial,
cor de elefante?

Não é só o tempo
que acontece em mim.
Sou também esse vento,
que ontem foi
gelado e melancólico,
e hoje é
pura,
luminosa,
íntima
fruição.

Hora íntegra

Dominus est domus mea.

Uma via clara se abre,
depois da encruzilhada.
A vida vivida é saudade.
A vida por viver é respirar.
Respiro e abraço a manhã de júbilo.
Primavera é isto:
respirar inventando o próprio ritmo.
Respirar
é o momento mais alto da vida.

Ária campestre

A árvore da vida florescendo
nas nervuras desdobradas.
Veredas de murmúrios verdejantes.
Caminhar, em devaneio,
pela canora estrada.
Silêncio, interrompido apenas
pelo encantado sibilar dos pássaros.
A tarde arejada de junho
drena a inquietude metafísica.
O nariz arguto sonda os perfumes.
O olhar investiga a folhagem distante,
com a surpresa inocente da criança.

(Genthod, junho de 2022)

Profissão de fé

Hedonista e otimista,
entro na vida como quem deixa o tédio.
Espreguiçando-me nos bancos dos jardins,
espreitando as nuvens antropomórficas.
Vou, pelas veredas,
coleccionando estribilhos.
Intrépido e tranquilo,
arauto das tardes ensolaradas,
oráculo das brisas vespertinas,
enalteço a profissão de fé no lirismo
e exorcizo os desassossegos mundanos.

Léman

Antúrio metafísico,
plantado na água,
o jato se jacta.
Na quietude clara,
expandem-se os frisos
da fúlgida bandeira.
Na cabeleira volátil,
a poeira líquida:
água de espuma.
Lago coloidal
no chão do céu,
diluído em hidrogênio.
Entre o céu e os barcos,
a velhice do Salève.

(Genebra, 9 de outubro de 2023)

Retiro

O Parque tem flores anímicas.
Quero sonhar.
Sombras verdes.
Estou seguro de que entendo
muita coisa do que dizem os pássaros.
Eles falam da cálida hora efêmera.
Luz e sombra,
sob as frondosas copas.

(Madrid, 27 de maio de 2024.)

Primavera em Paris

O Sena é o coração de Paris.
Não há melhor passeio
do que nas proximidades
do seu fluxo fabuloso,
sob os arcos,
atravessados pelos barcos.
Ondulante, verde, poluída,
cortejada pelos palácios laterais,
água corrente, entre paredes,
no arejado Quai aux Fleurs.
Simetrias de torres e janelas
do Hôtel de Ville.
Pináculos da Tour Saint-Jacques.
Île Saint-Louis:
brisa e sombra
na tarde de maio.
Recantos que a primavera verdejou.

(Paris, 11 de maio de 2024.)

Perspectivas

Céu místico, de nuvens apocalípticas.
Clarividências no recôncavo da montanha.
Afortunada brisa.
Vespertinos pássaros.
Pequenas casas cravadas na pedra verde.

A lembrança de um alívio,
sentido à sombra arejada de uma paisagem;
os montes longínquos,
o borbulhar da água
e um barco repleto de viajantes.

(Genthod, 18 de outubro de 2024)

Translúcido instante

Celebro minha irmandade
com o vento.
Comigo falam
afetuosamente
as generosas plantas.
Festa dos passarinhos em êxtase,
que me fazem companhia:
porta-vozes do vento,
hóspedes das árvores.
Filhos da transfiguração
das nuvens,
eles discorrem sobre
os benefícios da luz.
Cantando, eles viajam
no céu invertebrado.
Acaso sabem os passarinhos
que são eles a própria
Natureza cantando?

(Genthod, 16 de junho de 2024)

Hora translúcida

O crepúsculo recolhe as imagens
que o mar expande,
desenha uma cidade azul
no horizonte,
dilui a geometria,
num arranjo aleatório,
turbando os frisos inquietos
da água.
A beleza é indizível.
A poesia não define
o seu fluido instantâneo,
nem a música traduz
o mistério que ela profetiza.
A estrela vespertina,
entretanto,
abre uma fresta na cortina noturna
e traz uma pérola do dia imperecível.

(Fortaleza, 3 de maio de 2025)

A máquina do tempo

O tempo não passa,
mas deixa marcas.
Imprime as impressões.
Máquina de exponencial sensibilidade:
grava memórias e as dispersa.
O tempo é um cabriolet
num roteiro de sonhos.
O tempo é uma invenção da vida
ou é ele o inventor?
A vida é máquina que gera a si própria
e não conhece o automecanismo da criação.
O tempo engendra a propulsão íntima
em que existimos.
Motor de altíssima voltagem.
Artefato animado
de sensíveis cilindradas.

(Genebra, 22 de maio de 2025)

Parque *Perle Du Lac*, em Genebra

A serenidade, essência do silêncio,
é um diamantino líquido.
À beira dos montes de esmeralda vegetal,
a delicadeza dos passarinhos,
a leveza dos veleiros
e a luz das flores.
O lago oscila em seu diâmetro,
assistido pelas cristalizações glaciais.
No frenesi do remanso,
a fluidificação azul.
No vento da tarde,
reiterativas ondas vibrantes.

(Genebra, 9 de junho de 2025)

Genebra, 30 anos depois

Agora, que a luz do dia
é mais intensa e mais difusa,
são os mesmos os velhos edifícios
de janelas retangulares.
O mesmo céu que vi
com os olhos da juventude.
O entusiasmo ressuscitado,
numa sensação de êxtase inaudito.
Da Place Cornavin,
a caminho do Carouge,
o mesmo itinerário de alumbramento.
As luxuosas vitrines de relógios.
A carcaça depenada do Salève,
no fundo da Rue des Alpes,
atribuindo à cidade
um ar decadente.
A expansão esplêndida do lago,
aos pés dos edifícios.
O jato d'água,
como uma bandeira de espuma.
A impressão de aventura
que produz o grande barco branco,
diante da ponte.
O trono do Mont-Blanc
no panorama sinuoso.
Tudo igual
àquele passado idílico,
em que a dor do mundo
não me afligia.
Névoa na tarde molhada.
Tudo igual a quando eu vivia
indiferente ao mistério.

(Genebra, julho de 2025)

Remanso

Se o vento da tarde é brisa,
na hora clarividente,
o silêncio se eterniza
trazendo repouso à mente.

Nas relvas que são alfombras,
meus espantos e meus tédios
passam graves, sob as sombras,
onde buscam seus remédios.

Vão caindo as folhas secas;
outras, verdes, nascerão,
nos canteiros das charnecas,
nos bosques, em solidão.

E o tempo, abrindo a cortina,
expande uma enseada,
qual dádiva vespertina
da natureza encantada.

Demorem-se estes instantes
de calmas alvissareiras,
nos recantos deslumbrantes
de alegrias forasteiras.

(Genthod, 2 de agosto de 2025)

Lúcidas itinerâncias

Caminhar é uma terapia
para o meu estado mental.
Curo, com água e fé,
a minha taquicardia.
O outono se anuncia na névoa
que dissolveu as nuvens
nos verdes bosques.
Ando perplexo.
A Poesia é a décima musa,
chamada Disciplina.
Silêncio de sombra e quietude
no passeio pelo vilarejo.
Meu poder aquisitivo
de riquezas metafóricas,
conquisto absorto,
em qualquer jardim ensolarado,
até que o alarme das obrigações
me imponha o seu relógio impertinente.

(Genthod, 28 de agosto de 2025)

Os passeios luminosos da vagabundagem lírica

(1)

Manhã de chuva e sol.
As plantas exalam perfumes agrestes.
As nuvens se aproximam da Terra.
O sol infiltra no nevoeiro
o seu fogo branco.
Caminhar escrevendo é
o *modus vivendi*
com que eu reconcilio
o pensamento e o sentimento.
O hábito da poesia é um perigo peregrino,
é uma luta pela sobrevivência.
A vida é um desafio estranho,
que justifica a minha ânsia peripatética.
Atravessei o tumulto da cidade,
numa luta de muitos passos,
até chegar à flutuação lacustre,
azul oásis
nos frisos vibrantes
do tempo e do vento.
Repousam comigo
os mastros brancos dos veleiros.

(Genebra, 2 de setembro de 2025)

(2)

Imito aquele príncipe do Nepal,
de nome Sidarta,
que se recusou a ser estadista
para se tornar um andarilho.
Já os antigos aedos
foram uns doidos solitários,
uns peregrinos contemplativos.
Busco ambientes tranquilos,
próximos da natureza,
para saciar a sede de escrever.
Quando me canso,
deito-me à sombra do arvoredo.
A tarde de setembro
contribui para o meu prazeroso isolamento.

(Genthod, 3 de setembro de 2025)

(3)

Meio-dia implacável.

Ando com o êxtase aflitivo
da inspiração.

Contemplo os fluidos vaporosos
das nuvens,

o encantamento do verde vale
e as casas distantes
nos contrafortes da montanha.

Um passarinho estreita
o sibilino agudo.

Um avião, no alto, ressoa
ao longe, em tom grave.

É a orquestra do dia,
no recanto sereno
do meu recolhimento.

Um quietismo favorável à leitura
faz-me seguir
pela escondida senda
da descansada vida.

As vias respiratórias se reconfortam.

Silêncio vivo.

Água doadora de saúde!

Tanta emoção
na beleza do dia
dá temor.

(Genthod, 4 de setembro de 2025)

(4)

Porque os dias são fugazes
e estou na redoma azul
sem saber até quando,
vou lendo um livro
pelas calçadas silenciosas.
Infinita é a árvore da ciência.
Diminuta e breve
a capacidade do leitor.
Se escrevo este diário íntimo,
é para celebrar o Tempo
em que resido
nesta casa de empenhos,
que tem portas de mistério,
tanto na entrada quanto na saída.
Preocupemo-nos com Deus,
as religiões, a pátria
e um mundo sem exércitos!
Tudo, num instante,
são folhas de um folhetim descosido,
que o vento dispersa
por ignotas ruas.
Com efeito, como posso investigar
o esotérico com nervos abalados?
Caminho pelas veredas da conformação.
Caminho com a emoção do dia.
Permito-me não pensar no enigma existencial.
Busco o lugar sereno,
no horto da meditação.
Sinto, no declínio da tarde,
as transmutações dos verões,
dos dias e das horas,
e compreendo
que o céu de esplendor
brilhará todos os dias,
até quando o Tempo determinar.

(Genebra, 7 de setembro de 2025)

(5)

Sol da tarde cinzenta,
voltaremos a esta praça tranquila,
onde tudo é propício à meditação?
Plenipotenciário verdadeiro:
voltarão estas sombras a passar
nestes mesmos lugares?
Ou as sombras e os lugares
não serão os mesmos?
Voltarão essas tardes de outono,
em que aprendo
o *spleen* de Baudelaire?
Tudo voltará
e será a mesma essência?
Não serão as mesmas experiências,
porém voltarei a vivenciá-las?
Recordo-me de que deambulei neste bairro,
na estação passada,
e noto que o dia de hoje
semelha ao de outrora.
Tão outro, porém,
é o meu estado de espírito!

(Genebra, 9 de setembro de 2025)

(6)

Sento-me,
diante da montanha coberta de névoa
e do lago encantado,
que me cativa o olhar.
Sei que todos os tempos
estão contidos no agora,
mas estranho a sensação
da impermanência de tudo.
As mutações da voracidade do tempo.
Que quero da brisa vespertina,
senão que faça
permanecer em mim
este deslumbramento estético?
Dá vontade de repetir
sempre esta experiência contemplativa,
embebido dos refrigérios
deste momento fluido.

(Versoix, 13 de setembro de 2025)

(7)

O vagabundo lírico exacerba
na obsessão de escrever.
Se andasse pelas calçadas
sem escrever,
seria apenas um vagabundo,
que sai para passear de tarde.
O vagabundo é lírico
quando exacerba
a sede de conhecimento.
Ser lírico, portanto,
é observar o vento
embalando as folhas
e estudar as simetrias
arquitetônicas dos edifícios.
É mais do que isso:
é andar inquieto, insatisfeito,
e contemplar
o arco-íris e as nuvens,
como presentes do Céu.

(Genebra, 15 de setembro de 2025)

A caminho do oásis da *Île Rousseau*

Quanto me diverte
a pândega mental
de deambular escrevendo.

A luta da paciência com a paranoia,
provocada pelo barulho dos carros,
faz-me estranho a mim.

A rua é o paraíso dos anjos artificiais.
Por ventura, o Sol da tarde
aquece o meu frêmito
e respiro na ponte,
diante do êxtase das gaivotas
e dos cisnes.

O *Rhône* se bifurca na *île Rousseau*,
propiciando um remanso.

Vou me esgueirando,
como o rio debaixo das pontes.

O céu, que dança no salão flutuante,
brilha em mim

e no espelho dos meandros.

Eu vinha estonteado,
e a ilha do filósofo me deu guarida
na cálida tarde de agosto.

Celebrações

Hoje, que a tarde é suave
no hortelã das folhas,
entrego ao Sol
minha insegura confiança
e minha inquieta solidão.
Verdade eterna, Deus único
do Faraó Akenaton,
e norte absoluto meu,
a qualquer hora vejo a luz imponderável
guiar os meus passos,
no tumulto das ruas
ou na calma dos bosques.
Não sei o que é a vida,
mas sei que a vida é.
E isso me basta para celebrar o dia.
Celebro o oxigênio
que alegra as plantas
e o horizonte
que circunscreve a Terra,
chão imprescindível.
Celebro a memória e o sentimento,
oráculos benfazejos
que me oferecem,
na taça do dia,
o lenitivo de escrever.

O rio da minha aldeia

Passa o rio da minha aldeia
como se não passasse.
Passamos, ele e eu,
sem que nos encontremos no passeio.
Existimos no mesmo *habitat*,
sob as pontes do destino misterioso.
Abraçados ao chão,
respiramos o ar vertente
que nos reúne no mesmo afã.
Vai devagar, divagando, o rio da minha aldeia.
Vai veloz, levando sua oferenda.
Quando ele volta, traz uma onda volátil.
Ele passa e não volta,
sem saber que passamos juntos,
que ficamos sempre,
sem saber que somos reflexos mutantes.
Passamos e ficamos na orfandade da hora.
Navegamos a um abismo enigmático:
entre o que está sendo e o que ainda não foi.

O Quinto Império

*Restaurar a criança em nós
e em nós a coroarmos imperador,
eis o primeiro passo para a formação do Império.*
(Agostinho da Silva)

Quando todos nos tornarmos crianças,
plantaremos o Reino do Céu
nas premissas deste mundo.
A Terra viverá o tempo do Encoberto Cristo.
O Sol reunirá tudo no seu lastro,
no fulcro da memória guardiã.
O perdão será a lanterna
com que cruzaremos o pélago escabroso.
Na manhã definitiva,
as flores do deserto
brotarão da própria Vida.
O Quinto Império virá,
na fragata da harmonia.
O vento é propício.
Sonhar é antecipar a utopia.

Campo verde

Campo verde,
que me alegras a visão,
és um teatro de emoções adolescentes.

Basta que eu te contemple,
e o vendaval do tempo
traz de volta a minha utopia.

Não importa
o retrato esmaecido
daquela antiga tarde de verão.

Campo verde,
encharcado da chuva do céu branco,
na solidão da úmida perspectiva,
com as plantas meditando
no silêncio vespertino...

Na seara da esperança,
o aroma da vegetação
tem o hálito da inocente paixão.

As folhas dançam
de par com as brisas.

Jardim, bálsamo,
festa nas folhas esmeraldinas.

Amanhã,
quando eu não estiver aqui,
os pássaros cantarão
nas mesmas árvores
e eu terei a lembrança
de ter vivido a plenitude
deste momento luminoso.

Genthod

No silêncio desta estrada,
cingida de suave brisa,
tenho a alma sombreada
da luz que o céu cristaliza.

Caminho neste desvelo
de quietude redentora.
Retransmite o meu enlevo
a passarada canora.

Claridade benfazeja,
verde sombra de mormaço.
Prazeres que a vida enseja.

Nas auras deste regaço,
dos ramos a flor viceja
e o Sol se apura no espaço.

Versoix

Versoix é a cidade do lago azul
e dos veleiros serenos.
É uma enseada
cercada de cordilheiras.
As verdes margens lacustres
vibram luminosamente.
A água flui com doçura neopagã.
As geleiras, ao longe,
confundem-se com as nuvens.
O deleite visual
faz deste momento um êxtase.

Tarde primavera

Caminhar assim, meio trôpego,
com a felicidade efêmera
e a determinação
de chegar a tempo na aula.
Passam as pessoas
com os olhares melancólicos,
inquietos,
e os destinos traçados
na rua de prédios ensolarados.
Os passarinhos celebram
o refrigério de maio.
Luz e sombra
nas tonalidades verdes da folhagem.

Água lustral

Que maravilha
não precisar ser imperador do mundo,
nem magnata da indústria bélica,
nem príncipe das trevas
nem campeão boxeador.
Não ser competitivo nem proativo.
Não concorrer na São Silvestre
nem nos estádios.
Que maravilha reconhecer
que os verdadeiros amigos
são a nossa fortuna.
Andar no escuro
com a lanterna do bem.
Ter como prêmio
o objetivo pressa-zero.
Poder voltar à fonte
e beber água lustral.
Água que clareia e sacia
a mais ardente sede.
Água que renova,
revigora e reconforta.

Verão

Tórrido fervor.
A primeira brisa sopra.
Os pássaros cantam.

Ambígua cigarra,
louvas a luz
ou te queixas do calor?

Só, o sonhador,
imerso na ilusão,
diante do Sol.

Flores de verão.
Veludo na folhagem.
Vergel musical.

Pássaro vespertino,
quem te ensinou
a anunciar a noite?

12 haicais para o mestre Matsuo Bashô

Jardins de limo.
Vento marinho.
Limbo florescido.

Brisas venturosas.
Luzes aventureiras.
Noite peregrina.

Anda, Narciso.
Deixa atrás a poça d'água
e o céu invertido.

Não sei aonde ir.
Todos os lugares são
distantes de mim.

Um doido fala só.
Aplaudem-no
os invisíveis.

Não sossegas o bico.
Tanta coceira tens,
irmão pombo?

Breve bailarina,
a borboleta
na festa das flores.

És espectro,
espaço infinito.
Onde a realidade?

Corvo matinal:
Não visitaste o Poe.
Cantas de alegria?

Girassóis
rostos amarelos
histriões do dia.

A lua pontua:
vírgula de cristal.
Oração da noite.

Malabarismo zen.
O Samurai
planta bananeira.

Yoga

Um lado restrito;
outro desenvolto.
Como equilibrar tudo?
Yoga é jogo e jugo.
A bênção de Gandhi,
num sonho lúcido.
A consciência
do que remediado está.
A trégua e a entrega
em *allegro*.
Ego, sem apego:
um resfôlego, um lago,
um legado.
Algo que se logra,
além do algoritmo.
Um Logos,
no logaritmo do ritmo.
Nas cordas nervosas,
música na alma.
Certos dons de alquimia.

Religião

Religare:

conexão do interior com o exterior.

Céu e Terra.

Homem e Deus.

Evolução espiritual:

religar os neurônios e recordar.

Imantado pelo elixir da iluminação,

viajo na memória.

Uma estrela me conduzirá

ao castelo da redenção.

Da constância, disse Sêneca:

é o repetir que pacifica e liberta.

Remédio pra saúde da alma,

Tu és o Eu

que me faz pensar

que sou minha criação.

O conhecimento me libertará do labirinto.

Pássaro sobrenatural,

celebrando a noite,

a religião canta!

Hermeticamente

Respirar.

A coluna é

um parafuso

que cresce.

Oxigênio.

Compaixão pelo corpo.

Espreguiçamento.

Terra e Céu.

Homem e Deus.

Levitação.

Instruções para uma meditação

Deitado, sentado ou de pé,
concentra-te e relaxa.
Se possível, deita-te no chão
e observa o ar que sobe da base da coluna,
até o centro do cérebro.
Pensa em cada parte do corpo.
Caminha, se preferes,
e vê a grande luz que clareia o espaço.
Entra em sintonia com a serenidade cósmica.
No espírito, não há lugar para pessimismo,
nem medo nem revolta.
És uma parte da imensa
vibração mental do universo.
Silencia e compreende.

O verbo e a poesia

O poema se nutre
da grama da gramática.
E o Poeta se faz ortopedista da ossatura lexical.
Não digas indignidades do Poeta.
Ele diz do Sublime que nos redime,
da luz fundadora de civilizações
e do manancial da sede de conhecimento,
que são a Arte de Amar e Arte de Viver.
O número expressa o ritmo do universo,
composto de realidades visíveis e invisíveis.
A palavra registra na consciência o sentido da vida.
O sentimento dá a medida do imponderável.
Mnemosine e Tot são os arautos da deusa Poesia,
que transforma em Beleza a estranheza do mundo.
Existir é um código verbal,
escrito no grafite mineral.

Decálogo para um jovem poeta

No liceu da humildade, forja-te artista
mais que cão amestrado.
Na epifania de Dédalo,
molda o teu próprio labirinto.
Oferece ex-votos ao manancial dos oráculos,
porque o culto da palavra
é um rito de vertiginosa magia.
É necessário peregrinar
por uma via de esperança e medo,
em nove jornadas, até a pedra
que as águias sobrevoam.
Rompe a tessitura dos cânones
como um resgate das origens.
Vai buscar Eurídice no Inferno.
Vai ao Peloponeso, em solidão,
cantando um epitalâmio.
Escuta a garganta de cristal da Sibila.
Um deus receptivo interpretará o teu sonho.
Não te faltarão ambrosia e néctar
nas Saturnálias do prazer.

O poema e a poesia

A Poesia é a invenção da verdade.
A Poesia funda civilizações.
É a coisa mais séria
que a alegria pode nos proporcionar.
A Poesia é este agora,
este agora que já não importa
e volta a importar,
tanto quanto a expectativa
de aonde as ondas do tempo me levarão.
O poema pode ser uma chuva repentina,
quando o poeta sai pelas ruas,
levando um fardo de livros,
um caderno e uma caneta.
O poema é um impulso que faz o poeta
atravessar os dias, olhando o céu.
Que coisa faz a árvore
derrubar uma semente
na cabeça do poeta?
A luz das coisas,
o afã contemplativo,
o vento que permeia tudo.
A Poesia é uma limonada
que a gente bebe com sede.
É o ópio da ressurreição.
O verso é um degrau,
a estrofe é a escada rolante.
O mercado é a prosa;
e a Poesia é o café
e, depois, aquele gole d'água.

Literatura, pra quê?

Não apenas porque sou teimoso é que aposto na literatura.
A literatura me salva do desespero e da depressão.
É o fio condutor,
o cordão de Ariadne da minha existência.
A literatura serve para educar o homem.
Serve para humanizá-lo e espiritualizá-lo,
na luta da degeneração com a evolução.
A literatura, como todas as ciências e artes,
é um dom do Ser Supremo
para exorcizar os estigmas satânicos da estirpe humana.

Ainda estamos aqui

A Verônica Filippovna.

Estamos aqui,
até quando houver quando.
Se estou aqui, tu estás aí.
Estou aqui pensando lá
aonde irei.
Além daqui, o Além.
Além do Além,
o não-lugar.
Estamos aqui,
onde há vida, ainda.
Perto e longe,
no centro,
no alto presente.
Viver, estar, habitar, existir.
Participar.

Aqui, decifrando a esfinge.
Lá, no princípio do enigma.
Aqui fluidez.
Lá, coloidal.
Aqui, geometricamente.
Lá, além da metafísica,
na física da meta
que é e não é.
Aqui, na estética ética,
mística, dialética.
Lá, na sintaxe da imaginação,
dicção da arte.

Talvez, ao mesmo tempo,
ou não,
no sentimento vital.
Ainda estamos
no tempo indizível,
no espaço filosófico,
com toda a emoção ambiental,
com proposições e conjunções:
ser e não-ser
na encruzilhada.
O chão, onde as coisas
nos chegam,
e a verificação intrínseca.
Movimento e entendimento.
A Poesia lá está.
Estala dentro
do aforismo.
Estamos ainda aqui
e, se não estivermos,
eu não tô nem aí aí!

A fonte de Hipocrene

Reject me not into the world again.
(Edna St. Vincent Millay).

Contemplo o horizonte
e sinto o vento
que brinca na alameda.
Barcarolas.
Música no céu.
Transformações visuais.
Deve ser isto a Fonte de Hipocrene:
água fresca,
da garganta ao estômago;
ondas luminosas,
até a outra margem;
o espetáculo da Natureza.
Pássaros,
árvores,
barcos,
gente
e sombras
Minha imaginação é uma ponte
transitada por muitos veículos.
Minha alma é um rio,
no cinema do meu pensamento.
Hoje, não quero escrever.
Quero flutuar.

Pura emoção

O que Almada Negreiros está a nos dizer,
nos murais das duas Gares Marítimas,
é que Lisboa
é uma concha nascida do corpo aquático de Vênus.
Lisboa é uma invenção de Ulisses,
o marujo pioneiro das peregrinações místicas.
É um sonho cromático, vislumbrado no teclado alquímico.
É um milagre das remotas eras
dos périplos da emoção do artista visionário.
Almada Negreiros celebra, nos seus painéis,
a aventura da eterna viagem humana.
Depois de ver as maravilhas de Almada,
revi os veleiros do cais,
brancos como a alvorada do Sétimo Céu.
Cenário de luz, água e encantamento,
onde tanto Almada quanto Pessoa se inspiraram
para a criação de suas obras imortais.

Casa de Fernando Pessoa

Casa de Dom Fernando,
ponto de reunião
de sua humanidade:
seus espelhos multiplicados,
sua bibliofilia,
os retratos da sua trajetória
de indefinível êxtase.
A chispa do gênio,
proliferando a palavra incandescente,
no jardim dos sonhos objetivados.

Jardim da Estrela

Coisa engraçada é não existir,
no Jardim Guerra Junqueiro,
a estátua do seu patrono.
Nesse recanto,
que também se chama
Jardim da Estrela,
estão esculpidos,
entre grandiosos ficus seculares,
João de Deus e Antero de Quental.
Guerra Junqueiro não aparece
no arejado bosque,
onde os pássaros celebram
sua bem-aventurança.
João de Deus é um cidadão elegante,
segurando a caneta
e a sua Cartilha Maternal.
Antero parece um filósofo grego;
um filósofo-atleta,
vigoroso, trajando um manto aberto ao peito.
O Junqueiro,
que deu guerra ao clero,
teria se ausentado
do Jardim da Estrela,
para não escutar o relógio sonoro
da portentosa Basílica vigilante.

O Parque dos Poetas em Oeiras

A flor do Lácio desabrocha
da sepultura
no jardim das estátuas.
O horto dos poetas plasma,
no fulgor do dia,
o sonho das caravelas longínquas.
Honrado seja o mérito de cada espírito iluminado,
que aqui recebe o seu reduto
e o seu anfiteatro.
Pertença à ternura flutuante
dessa ladeira encantada,
remanso de insofismável sensação.
Que feliz augúrio nos revela o mar,
envolto em névoa,
contemplado do alto
da colina da Poesia?

Viajar, viajar...

O viajante garimpa nos flocos de nuvens,
peixe amestrado no aquário de Argos-Voador.
Busca refúgio no castelo de ouro de algum lugar.
Talvez fuja de si, evocando o albatroz de Baudelaire,
inebriado de lucidez,
porém ausente de algum tempo ou algum silêncio.
A fabulosa propulsão atribui soberania celestial
a esse *cabriolet* de asas,
que atravessa densos flocos de fumaça branca,
num campo de algodão.
O impalpável assoalho do céu, outro mar:
espuma de vento, na imensa metamorfose cinética.
Tonalidades do oceano-púrpura.
O vento é o vetor das transformações,
mensageiro da noite,
que se dissipa na imaterialidade alquímica do movimento.
As janelas são televisores de tenebras.
A obscuridade não mente, asseverou Georges Bataille.
A noite prevalece.
Certos movimentos fazem recordar a estrada de Uruburetama
(há muito tempo).
Medo, escuridão interna.
A opacidade do mistério impera.
Cruzeiro de dez mil metros na profundidade da altura.
Eis que surge a Lua dourada,
imprimindo na janela rastros brilhantes,
que se espriam no chão distante.
A Lua guia os aeronautas
à dimensão insólita do seu campo magnético.
Lá embaixo, rios de luz dourada jorram na cidade:
cascatas imóveis; grutas dispersas no espaço coloidal;
ilhas miríficas; cintilações cristalizadas.

Navios que aportam nos promontórios nebulosos.

Fiat lux.

A cidade flutua, boiando as ilhas salpicadas de claridade.

Mapas de vidro e areia,

os cristais se diluem nos amorfos parâmetros.

Vamos, chamados pelos átomos imantados da Terra.

O peso do vento na proa,

decifrados já os intermitentes signos telúricos.

A cidade tenta um paralelismo novo

com a dispersão luminosa.

O mundo lá embaixo ocupa os espaços da janela.

A máquina inclina o bico de metal.

Ouro nas lâmpadas.

Novidades

A vida, depois dos 68,
é uma ameaça permanente.
Mais que uma ameaça,
é uma paranoia que cresce
com a contagem regressiva.
A gente foge
do relógio e o relógio nos persegue.
A vida, então,
confirma-se como uma ilusão,
que transformamos em realidade,
sem saber que as duas coisas
não acontecem separadamente.
A realidade ilusória torna-se ilusão real.
E somos os autores dessa farsa,
cujo enredo estranhemos
ao protagonizarmos o drama.
Tragédia e comédia sempre.
As maiorias, adeptas das Parcas e das carpideiras,
preferem o perfil de Tântatos
às máscaras dionisíacas.
Eu mesmo, às vezes,
não sei se gosto mais de Tália,
que aborda o cenário, coroada de flores,
ou de Melpômene,
que dá a Fedra uma navalha.

Natal

O melhor do mundo são as crianças
(Fernando Pessoa)

A bondade, a inocência e a pureza
das pequeninas criaturas mansas
que Deus criou com tamanha destreza:
“O melhor do mundo são as crianças”.

Veio o Menino, Rei das Esperanças,
chegou agora, levando a tristeza;
encheu meu coração só de bonanças,
brilhou a própria luz da Natureza.

Verbo divino, Jesus, o Senhor
da grandeza de tudo quanto há,
aos doze anos fez-se Imperador

da paz que a Humanidade viverá.
Cantem os anjos o grande esplendor
do Homem-Deus que aqui presente está.

O cipreste

A Vicente Freitas Liot

Donairoso cipreste vertical,
ensina-me a crescer alto e profundo:
a florescer, longilíneo e fecundo,
esmeraldino fulcro germinal!
Teu exemplar desígnio espiritual:
de pé no chão e antenas noutro mundo,
do qual, por lei divina, és oriundo,
dá lição de firmeza magistral!
Que força te levanta a mais altura,
para sorveres a luz fina e pura,
do Incriado que fez todo o criado?
Mostras o ímpeto da criatura,
que um nome recebeu do Inominado,
para reunir-se à Suprema Natura.

Semelhança

(Ao Dr. Assis Lima, ilustre Poeta do meu Ceará)

Assis. Não o santo da pobreza caritativa,
que predicou nos mosteiros da Umbria.
Assis Lima, o arauto dos umbrais da Poesia.
O alquimista do verbo,
que, em aras de Eros e Psiquê,
discente nas faculdades mentais,
dissente apenas do que não seja sentir.
Assis, o que saiu do Cariri ao mundo,
para plantar um horto sedativo nos quintais da psicosfera.
Assis, o que inocula nos cérebros as bases
para o circuito neurovegetativo
do ácido da memória.
Assis, de Assis; Assis, do Ceará.
Um, santo; o outro, nem tanto.
Ambos dotados de grandeza de espírito.
(A amizade do Dr. Assis Lima
é um remédio pra minha insensatez.)
Assis, da Itália; Assis, do Cariri.
Qualquer semelhança
é pura especulação hermenêutica.

Um pássaro chamado Zico

Willis Santiago Guerra Filho,
conhecido pelos íntimos por Zico,
é um pássaro que voou dos quintais da Aldeota
para as gaiolas da Alemanha.

Foi ser germanófilo, como um cruzado
vai tomar a Jerusalém celeste.

Lá, encontrou-se com o Dr. Fausto,
que lhe deu uma taça de ouro,
para nela beber, infinitamente,
um néctar que apenas lhe acendra
a insondável sede.

Mas o certo é que esse elixir
se transformou num mar,
em cujas ondas Willis viaja, voando,
das palmeiras de Atenas
aos outeiros de Roma,
ave livre, relâmpago lunar,
pensando e escrevendo
sobre o abismo de trevas do mundo.

Perfil fictício de Ricardo Guilherme

Ricardo Guilherme é um ator
que o personagem Ricardo Guilherme interpreta
no palco do sonho,
em parceria com a vida.
Ele viaja, no Expresso da Meia-Noite,
à Estação do Meio-Dia
e entra em cena,
rindo de si mesmo.
Não lhe faltam dramas no enredo
que ele inventa, cotidianamente, cada instante,
cada inflexão/ exortação/ projeção/ sentimental.
O público da sua comédia grita:
Luz, câmara, ação!
E ele se transforma na luz
que se autoilumina,
diante da plateia das palavras.
Quem assiste à sua fábula,
vive numa interação de graças,
representadas no teatro nosso de cada dia.
Quem assiste à sua ficção,
já não se fixa no autor nem no papel,
só na viva palavra.
Ricardo Guilherme ensina
a renovar-se, reviver-se,
e se envolve na trama
do encantamento
que ele protagoniza.

Anderson Braga Horta e seu aprendiz

Anderson Braga Horta é um homem-pássaro,
que voa dentro de um aquário.
Ele sonda a direção do périplo,
que conduz “ao dentro de si e para o Aberto”.
Anderson mostra que, no íntimo labirinto,
reside o vórtice da origem,
e é preciso contemplar as amplidões.
A iniciação começa pelo mistério
e se faz com ar, água e espírito.
Estamos convictos de que no Altiplano
brotarão as sementes da utopia,
porque a poesia é ascensão anímica,
nas solidões do espanto.
Na Índia, Anderson seria Avatar da Nova Era.
No Egito, escriba de Lúxor.
Na Grécia vaticinaria em Delfos.
Mas ele nasceu em Carangola
e é o monarca dos aedos do País dos Candangos.
Anderson, o de gestos noturnos,
o que adivinha o silêncio
e escreve a ária de orvalhos de prata.
O que veio ensinar
o caminho seguro e a vida certa.
Suas antenas vêm
do cérebro de Orfeu,
e seu território está repleto
das rosas arcanas.
Com ele, aprendi as metáforas do Eterno
e a música da comunhão dos céus!

A diplomacia de Costa Senna

Se ser diplomata é ser solícito
e solidário,
Costa Senna é o maior diplomata que conheço.
Por suas mãos, a bondade
se multiplica como o mel nas colmeias.
Por seus pés,
a presteza vai à casa dos amigos e os ajuda.
Sendo o mais zeloso
na hora de distribuir favores,
Costa Senna pertence à seita
dos Cavalheiros da Fraternidade.
O violão é a arma com que ele pacifica o mundo.
Seu galardão foi conquistado na Praça do Ferreira.
Sua trajetória é a linha do Equador.
E o Cruzeiro do Sul tem os astros
que o guiam em São Paulo,
onde ele é reconhecido
como um vitorioso rapsodo.
Vinicius de Moraes foi o maior
dos diplomatas menestréis.
Costa Senna é o mais diplomático
dos menestréis.

Discurso apologético para a admissão de Diogo Fontenelle na academia dos homens bons

Cabeça de homem, mas o coração de menino
(Roberto Carlos)

A verdadeira fineza é a humildade.
Diogo Fontenelle é o cavalheiro da delicadeza,
o príncipe da nostalgia
e o poeta cuja sensibilidade
é a pétala de uma flor sem espinho.
Ele expande o perfume azul
dos sonhos lindos dos seus versos super líricos.
Diogo, o Dioguinho,
é um líder sublime
no seu reduto à beira-mar.
Não há um Lord tão gentilhomme,
tão fascinante, tão carismático,
quanto Diogo Fontenelle!
Quem não o conhece, perde muito.
Quem o conhece e não o reconhece,
perde mais ainda.
Quem o vê com os olhos da bondade,
viaja a um Éden desconhecido,
onde tudo é claridade suave,
paz indizível,
generosidade encantadora.
São João Batista pregou no deserto.
São Francisco pregou aos passarinhos.
Santo Antônio veio pregar aos peixes.
Diogo Fontenelle
veio pregar aos poetas.
Recebei-o, Homens de Boa Vontade!

Um príncipe chamado Abdon Melo

Um nobre não se distingue
pela vestimenta luxuosa,
mas pela sabedoria.
Abdon Melo, por exemplo:
nobreza como virtude aristotélica;
grandeza humilde;
simplicidade;
dom de ser amigo.
Verdadeiro Príncipe foi Gautama,
não aquele espectro
esboçado por Maquiavel.
Garanto que, se Abdon Melo
(meu primo, pelo sobrenome)
fosse rei do Brasil,
reinaria com equanimidade.
Não digo que seria um Salomão,
mas seria honesto e liberal.
Sua coroa é um chapéu *démodé*.
Seu cetro é o semblante luminoso,
com que ele recebeu os amigos
na (outrora lírica) Praça do Ferreira.
Sem ser acadêmico,
nem intelectual profissional,
Abdon é o parceiro do Maclare,
o inesquecível.
É o poeta que frequenta
as tertúlias do Vicente Alencar
e se comporta com discrição
(que quer dizer nobreza)
perante os seus pares.
Seu currículo é simples:
funcionário aposentado do IBGE.

Não roubou fogo do Olimpo,
não matou um touro monstruoso,
nem combateu em Troia.
É um cidadão comum,
residente no Eusébio.
Sua riqueza não é ouro de Midas,
é ouro dos alquimistas.

O Protesto justo e generoso de Rosani Abou Adal

Rosani não aceita a condição
dos párias que vê
nas ruas e praças da megalópole:
crianças famintas,
sem abrigo,
sem escola,
sem luz.

Tampouco admite Rosani
a injustiça contra as famílias
perseguidas pelos mísseis,
na terra dos seus ancestrais.

Nem precisava
ser filha e neta de sírios
para se indignar com o horror
da carnificina,
em que mulheres viúvas,
crianças órfãs
e homens sem pernas nem braços
correm desesperados
debaixo dos bombardeios.

Rosani sai pelas ruas,
do Belenzinho a Santa Cecília
e de Sumaré à Vila Maria,
distribuindo panfletos
contra essa loucura
de gente matando gente.

Do Mar Morto ao Mar Vermelho,
há opressão, medo, fome e sede,
onde outrora existiu
um horto de cedros.

Nem precisava ser poeta
para repugnar

os escândalos e abominações,
na Palestina, no Líbano,
na Síria e no Iraque.
Ela própria se sente
uma refugiada num mundo agônico,
onde não existe solidariedade
nem racionalidade.
Vejo e me solidarizo
com a luta de Rosani,
contra e a favor da humanidade.
Contra o crime de Caim,
que não pode seguir matando Abel
por toda a eternidade.
A favor do humanismo,
cuja arma é a poesia
e cuja voz é um alaúde em desespero!

Peroração eletiva para Jorge Ventura, líder dos poetas itinerantes

Jorge Ventura,
o astro da poesia carioca,
dialoga com Tântatos,
ao atravessar as noites
de uivos insanos,
para atender os amigos
que o esperamos
nos saraus da Zona Sul.
Para chegar a muitos lugares,
ele tem braços múltiplos
como Shiva.
Na sua trajetória,
águia de luminosos tentáculos,
ele recolhe lebres lúbricas
pelos descaminhos insuspeitos.
O ofício da arte é o seu manancial,
a sua mania e a sua maneira
de sentir a condição humana
e disseminar o fluido
da benquerença
entre os seres do mundo.
Hei de fundar com ele
a República dos Poetas,
da qual não exilaremos Platão,
porque na nossa fraternidade
não haverá dissidências irreconciliáveis.
Versátil Jorge, dublador de si,
driblador de si,
multiplicador de afetos,
cidadão do verbo imaginário,
líder visionário que acredita
na vitória dos homens gentis.

Soares Feitosa já não cria bodes

Por longo tempo, Soares Feitosa
foi patrão dos bichos de almas livres,
propiciando-lhes pasto verde,
sob o céu azul e silencioso
da sua fazenda.

Viveu à maneira do Whitman,
que se dizia mais amigo dos animais
do que dos homens.

Os cavalos elegantes,
os bodes arredios,
os carneiros tranquilos
e os porcos fanfarrões
fizeram-lhe a melhor companhia,
nos ambientes distantes
do mundanal ruído.

Além dos sertões agrários,
só o engendro mágico da palavra,
desde sempre o seduziu.

Recebo agora a sua mensagem,
para dizer que cessou a faina
com os bodes e outros bichos;
se duvidar, até cururu.

Seu latifúndio é agora
a Feira de Caruaru,
na voz do Gonzagão,
onde tem tudo – bode, pato e peru,
toda a nossa riqueza inventariada,
inclusive a soja,
que chegou depois.

Mas o que lhe importa, presentemente
é ver o livro do Gerardo Mello Mourão,
em grande estilo,

a ser editado pelo Gonçalo,
o embaixador humanista.
Salve, Soares Feitosa!
O cavalheiro da fraternidade humana,
dono das glebas
do meu coração plebeu!

Oferenda intertextual para os pássaros que dormem no telhado de Celso de Alencar

Celso de Alencar é um poeta
que canta para os passarinhos
e os mendigos.
Aos peixes, atira miolo de pão;
aos carneirinhos, chama de irmãos
e os convida
para a classe de alfabetização.
Transforma as lacraias da garganta
em albatrozes para sobrevoar
o Rio das Onças,
e levita, profeta da terra
dos inumeráveis rios,
pregando palavras redentoras
às velhas e belas putas do Jardim da Luz.
Foi cortador de cana
na região do Rio das Pacas,
e hoje é pastor de cabras, vacas e ovelhas,
no caminho da casa velha,
cujos moradores são morcegos.
Quando menino, rezou na capela
de Santa Rita de Cássia,
onde o padre Êzio fazia procissões.
Hoje, é ele o amigo das mulheres
que pariram dez filhos
debaixo da marquise de um edifício
da Avenida São João.
E é o defensor das freiras loucas,
que um dia descansarão,
como nós, entre o chão e as nuvens.
Confesso que o admiro,
porque ele busca no vento

o nome dos pássaros
e, com olhos lúcidos de animal sereno,
exclama:

“Não morrereis sem ser santificados!”

Celso de Alencar é um sonhador,
nas tardes que o chão afunda
com as facas da cozinha.

É um peregrino,
que se faz acompanhar
de homens sem braços,
nem dentes nem pernas.

Homens que,
como Satã, fogem da morte,
que se consagra
em punhais nos jornais.

À maneira de Antonio Brasileiro

(DOIS MOMENTOS)

1 Há um catálogo de assuntos pendentes para o eu resolver.
O eu telefona pro Antonio Brasileiro, pedindo ajuda,
porque está sem GPS e sem ChatGPT.
Os faróis estão baixos,
porque a bateria está precisando de recarga.
A estrada tem sinalização precária.
O eu não se desespera.
O poeta está chegando
com um astrolábio de palavras acesas,
como um tropel de pirilampos,
que se agiganta feito uma galáxia de meteoros.
O dia nasceu. O eu acorda.
Foi um pesadelo.
O poeta saiu pra tomar um café na esquina.
Volta já, pra decifrar os enigmas.

2 À proporção que a gente vai crescendo.
o mundo vem ficando pequeno.
À proporção que a gente vem crescendo,
o mundo vai ficando pequeno.

Presente de aniversário para Aluísio Gurgel

Aluísio, dos voos nos ventos alísios,
voo contigo na peripécia da harmonia.
Aluísio, enciclopedista pós-moderno,
contigo aprendo a aprender.
Aluísio, desenhista dos traços impecáveis,
bem retratas o horizonte,
quando a névoa cobre o céu!
Aluísio, maestro das cantigas de amigo,
de quem recebeste o dom do encantamento?
Aluísio, aquariano na fluidez imagética.
És fluido pensamento; inesperado,
qual bem-te-vi na madrugada.
Aluísio, Corifeu do Oráculo de Bevilacqua,
jurisconsulto de Constantinopla.
Aluísio, da jurisprudência iluminista,
mais imaginação que doutrina.
Aluísio, príncipe da monarquia fraterna,
tens o carisma de integrar as partes controversas.
Aluísio, irmão dos cavalheiros cordiais,
aqui vai o meu abraço pelo 10 de fevereiro.

A terrível ausência de Marcus Vinicius Quiroga

Não sei que dia é hoje.
Não sei nem quero saber.
Só sei que estou indignado
com a vida e com a morte.
A angústia me diz que a vida
é uma megera escandalosa.
O desespero me confirma
que a morte é uma ignomínia.
Desaparece o meu melhor amigo,
meu querido irmão
Marcus Vinicius Quiroga,
e eu já não sei o que é a realidade,
nem sei de mim nem de nada.
Cadê o meu poeta,
o mais generoso do Rio de Janeiro?
Cadê o nosso almoço no Baixo Copa?
Cadê o primoroso ourives da palavra?
Você disse que não viajaria...
Será que isso é a arte de não se despedir?
Não sei de coisa alguma;
não sei nem quero saber.
O dia, como um camaleão lúgubre e cínico,
faz de conta que nada aconteceu.
Há barcos no horizonte.
Aves sobrevoam o litoral.
O dia, hipocritamente azul,
faz de conta que é o mesmo,
embora as sombras da tarde já declinem.
No meu coração, a noite é de abismo.

(Rio de Janeiro, maio de 2021)

Epitáfio para Natalício Barroso

Quisera escrever-te um poema
como um sorriso, num dia de Sol.
Mas a palavra se encharcou de melancolia,
no tinteiro das lágrimas.
Tua ausência é um cristal partido.
Foste feliz no Rio de Janeiro,
onde Gerardo Mello Mourão te abraçou,
Ivan Junqueira te beijou na testa,
e bebeste todo o chope de Copacabana.
Voltaste ao Ceará,
e o mundo pérfido te negou os galardões que mereceste.
Eu te ofereço, como desagravo, este epitáfio:
Natalício Barroso viveu ébrio de sensações.
A cervejaria foi o seu jardim de alegria.
A noite ofereceu-lhe a música das estrelas.

Meditação

(Sobre a notícia do falecimento de
Oswald Barroso, muito querido amigo)

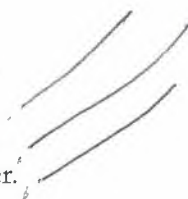
Os que se vão
partem para que os recordemos.
Os que se foram
estão mais aqui do que além.
Mais em nós estão do que neles próprios.
Acaso nós, ao permanecermos,
somos os *desvivos*, que algum dia nasceremos
das cinzas em que agora jazemos?
Menos mortos estão os mortos, do que vivos cá estamos;
porque já não morrem eles, como nós, a cada instante.

Atualização de agenda

Abro a agenda e constato
que alguns amigos mudaram de endereço.
Cairo Trindade já não mora na Ladeira dos Tabajaras.
Luiz Gondim já não mora na Rua Francisco Sá.
Marcus Vinicius Quiroga já não mora
na Rua Almirante Gonçalves.
Não adianta procurá-los
no Café da Rua Souza Lima nem no Baixo Copa.
Andei do Leme a Ipanema.
Já ninguém sabe dos seus paradeiros.
Não adianta procurá-los com microscópio nem com telescópio.
Porque eles se libertaram da penúria insalubre de Copacabana.
Vivem agora na raiz do Tempo.
São pássaros diluídos em si mesmos.
Eram príncipes que diziam coisas insólitas.
Eram cavalheiros da fraternidade humana.
Seus nomes, no entanto, permanecem gravados
na agenda do apreço e do afeto.

A despedida de Tavinho Paes

Na tarde melancólica,
os passarinhos dizem
que Tavinho Paes morreu.
Aquele provação no hospital,
onde ele se desesperou,
porque se sentiu um prisioneiro,
foi um martírio pra uma pessoa
com a sensibilidade dele.
Tavinho foi um príncipe,
no sentido espiritual da palavra.
Confesso que não estava preparado
pra essa partida.
Com o Tavinho, ficava bem
uma boa pedida,
nunca uma despedida.
Os poetas são luzes.
O mundo escurece
quando eles se ausentam.
Anoitece no Rio de Janeiro.
Lá, do outro lado da noite,
um clarão misterioso revela
a expectativa de um renascer.



A partida de Gilberto Mendonça Teles

Gilberto partiu num dia nebuloso de dezembro.
Foram noventa e tantos anos de intensa poesia.
Gilberto, o sedutor das sobranceiras negras e arqueadas.
O poeta do olhar e do sorriso irresistíveis.
Maria foi a melhor bibliotecária do bibliófilo.
Ser mulher de poeta não é fácil.
Gilberto foi o mais poeta de todos os poetas,
porque estudou a poesia
sob todos os ângulos e enfoques.
Angariou um tesouro de palavras.
Que maior prêmio se pode esperar da vida?
Foi ele o melhor dos anfitriões,
no apartamento
da Rua Pompeu Loureiro
e na Barra, diante do mar.
Foi o meu companheiro de viagem,
na Suíça, na França,
na Espanha e em Portugal.
Gilberto dava testemunho do meu alumbramento
no Sabadoyle, diante do Drummond,
que tanto o estimava.
Gilberto, mestre e amigo!
Estará feliz, se estiver escrevendo poesia
nos âmbitos amplos da Hora Aberta!

En Soria con Antonio Machado

A las orillas del Duero
de álamos yertos,
cogí las risueñas frutas
de tu estancia.
Ebrio del aroma de los ramajes,
me invitaste a tu fiesta
y en la ermita junto al río,
comprendí tus penas
y tu sueño de alba de primavera.
El Sol se deja ver
como piedra de hielo.
La campana de la Audiencia
anuncia la paz de las alamedas.
Espumas sonoras embellecen
el aire de la mañana.
Soria austera inspira
tristeza de amor.
Orillas del Duero,
donde se ensueña el viajero.
Deambulo hacia las simetrías
de San Saturio.
Mi corazón se ha dormido.
Oigo tu voz entre los jazmines,
voz de temblorosa campana
sonando amarguras.
Soria de frescos naranjales
y arroyos encantados.
Serena claridad
que enseña consuelo
y nos redime de la noche del pesar.

El santo enamorado

Los huesos quebranta en la cartuja celda.
Para gran luz, arrodillado,
los prados esmaltados adoraba.
Es que en Macera se dejó ver Ana de Jesús.
Era de Medina del Campo “la Reina”.
Su estar presente embelesaba.
Trece meses fuera Juan de Yepes rector de Alcalá.
El alma se le bajó al fondo de sí.
El Vicario General lo manda prender,
y lo azotan con látigo en Toledo
para en su espalda escribir la reforma.
Le hicieron vestir a fuerza el paño de los calzados.
Lleno de gusanos y piojos, acostado al suelo,
soñaba con la que iba por ínsulas extrañas.
Flagelaciones no podrían con su obstinación.
Nueve meses en la mazmorra padeció.
La frente en el suelo tenía,
cuando el prior entró,
rebotando el pie contra su cabeza.
En Beas de Segura, acogido por Ana de Jesús,
contempla las colinas, a la sombra de los olmos.
En Baeza, inmóvil queda, con el cáliz en sus manos,
como si la misa hubiese concluido.
A la monja va a confesar,
la encuentra enferma,
y le canta un villancico de amores.
Quería ser menospreciado, y tenido en poco.
Bajo los árboles, insomne, absorto,
mientras los bosques miraba,
vinieron a hablarle de asuntos mundanos.
“Dejémonos de baratijas y hablemos de Dios”, contestó.
El vicario Doria lo consideró un obstáculo.

Diego Evangelista no cesaba de amonestarlo en público.
Sería mandado a Méjico, a convertir indios.
Lo echaron a la serranía, en la Peñuela.
De rodillas, escribió:
«No se habrá librado la madre Ana de Jesús de mis manos.
No morirá con esa lástima:
no se le acabó la ocasión de ser muy santa».

Bendición de la noche

Bendita seas, luz nocturna,
que mi tedio disuelve en su llanura entornada.
Unto mis deseos con tu bálsamo.
Elevo mi plegaria
hacia tus sempiternos destellos,
diosa de los placeres,
infunde en mi alcoba
los espasmos anunciadores del reposo.
Inspírame la suave tregua.
Apiádate de las veladoras de la intemperie.
Propíciame el néctar de los bienaventurados,
la seductora exhalación de tu misterioso azul.
Regálame el sosiego de los párpados.
Bienvenida la noche
que me hace conocer mi propia medida.
Sueño que las estrellas me guían
y la consolación eterniza mi vida.
Alabo a los demonios mansos
de las tabernas y a la luna mágica.
Mientras las nubes se transforman
en imágenes antropomorfas
que se dispersan.





Com Gilberto Mendonça Teles



Com Diogo Fontenelle



Com Costa Senna e Remisson Aniceto



Com Val Mello e Jorge Ventura



Com Soares Feitosa



Com Ernani Fraga e Rosani Abou Adal



Com Costa Senna, Marcos Abreu e Abdon Melo



Com Natalício Barroso



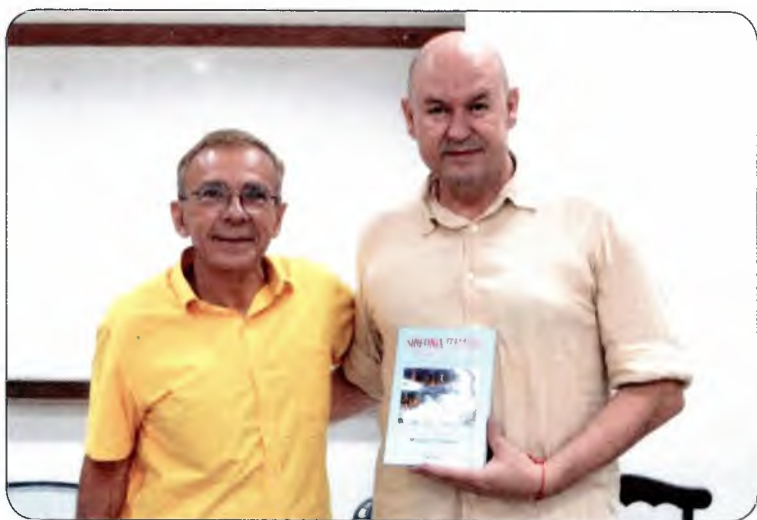
Com Assis Lima e Elizabeth Pessoa



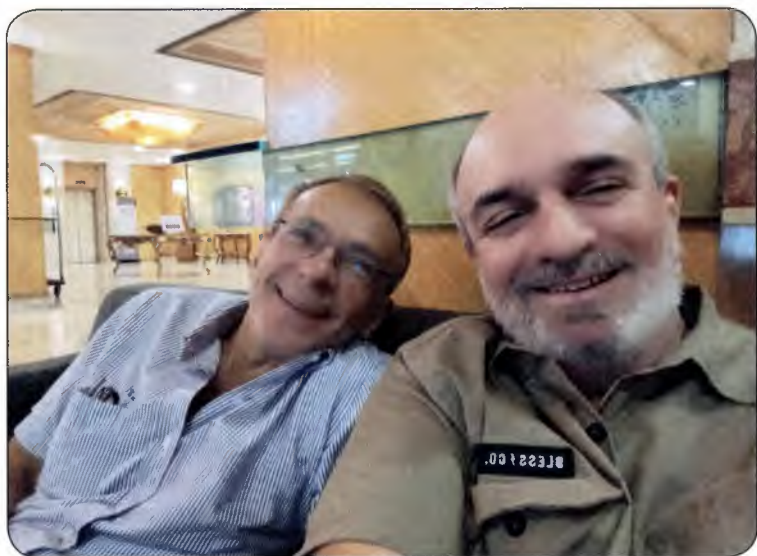
Com Aleilton Fonseca



Com Antonio Gutman e Luiz Poeta



Com Tchello d'Barros



Com Willis Santiago Guerra Filho



Com Ricardo Cravo Albim e Miriam Halfim



Com Silvio Ribeiro de Castro



Com Flávia Amparo



Com Linhares Filho



Com Celso de Alencar



Com Aluisio Gurgel



Com Oswald Barroso e Diogo Fontenelle



Com José Humberto de Brito Cruz



Com José Antônio Gonçalves, Rosani Abou Adal e
César Augusto de Carvalho



Com Ricardo Guilherme e Antônio Sarubbi



Com Tanussi CardosoCom

CONTATO COM O AUTOR
marciocatundafgomes@gmail.com

Senna, Abdon Melo, Marcus Vinicius Quiroga e outros nomes da nossa literatura.

Com este livro, o poeta cearense reafirma um traço constante em sua trajetória: o equilíbrio entre a erudição e a simplicidade, sem se descuidar do seu peculiar lirismo na contemplação de cada momento. Em *Revérberos*, o silêncio é tão importante quanto a palavra, porque é nele que a poesia encontra sua fonte mais pura.

Reunindo poemas que dialogam com tradições filosóficas e espirituais, mas que nascem, sobretudo, da observação do cotidiano, Catunda constrói uma poética de comunhão entre o ser e o tempo, o homem e a natureza, a palavra e o mistério. A poesia de *Revérberos* vem para complementar o que o autor não precisa mais provar: a coerência com um projeto poético que constantemente se renova e se amplia, sem jamais perder o vínculo com a música interior da linguagem e com o assombro diante do mistério da existência.

O leitor percebe que cada poema é um reflexo, uma centelha que ressoa além do que está diante dos seus olhos. A poesia de Márcio Catunda é, como ele próprio afirma, "a invenção da verdade" — e esta verdade nos devolve o esplendor da vida, o prazer da respiração e a promessa de permanência.

Remisson Aniceto, escritor.

MÁRCIO CATUNDA: A POESIA QUE ILUMINA O HUMANO

Se há uma expressão que, talvez, possa resumir a obra de **Márcio Catunda**, é ela ter um caráter memorialístico, não desprovido de um teor analítico, crítico e irônico. Na maioria de seus poemas e ensaios perpassa uma nostalgia — lírica e elegíaca — de tempos, lugares e personagens, pois, de alguma maneira, passaram por sua existência, nem sempre de forma real, mas em uma aventura livresca e cultural, sendo o escritor e diplomata um viajante do mundo, tendo morado em diversos países, e conhecedor de várias línguas e costumes; então, seria impossível todas essas camadas de vida não habitarem sua literatura.

Em seus livros, por exemplo, existe, na superfície ou não, a análise sobre a valoração da tecnologia das máquinas frias, inseridas nesses dias sombrios e tão abertamente distantes do que se pode considerar humano, a destruir o planeta. O poeta se indigna diante dessa nova realidade urbana, onde violência e solidão são uma espécie de doença contagiosa. Para ele, resta, como salvação, a poesia, a natureza, a beleza das viagens, com suas cidades históricas, seus passados de magnitude, glória e decadência. Resta-nos a Grande Arte que ficou para todos nós, mesmo com a destruição imposta pelas armas e guerras. Mas não há saudade em Catunda e, sim, constatação de que tudo poderia ser diferente, dentro de uma crença esperançosa, embora corroída. O artista ainda acredita no futuro, num sonho possível.

Tanussi Cardoso, poeta, contista, jornalista e tradutor.



SCORTECCI
EDITORA

